

O médico escolar
e a
questão sexual

Manuel Cardoso Pessoa

licenciado em Medicina e

Cirurgia pela Universidade de
Coimbra

Comp. e imp.
Tip. Populac

Viseu
1933

O médico escolar
e a
questão sexual

Manuel Cardoso Pessoa

licenciado em Medicina e
Cirurgia pela Universidade de
Coimbra

Comp. e imp.
Tip. Popular

OUTUBRO

Visen
1938



BIBLIOTECA NACIONAL
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RC

MNCF

612

PES

1840

1840

Journal

Journal

Journal

Journal

Journal

1840

OCTUBRO

1840

Tése de concurso para

médico Escolar dos Liceus.

do novo Colégio Real de Lisboa

Com a assignatura

de

Luís de Castro

À MEMORIA

DE

MEUS PAIS

Manuel Cardoso Pessoa

“Nada existe de vergonhoso na
Natureza comparado com a
sua grandeza criadora,,

Dr. Gonzalo R. Lafora.

Introdução

Na fase de remodelação que acusam, presentemente, os nossos processos de educação da mocidade escolar, ilógico seria que a questão sexual não marcasse um lugar de relêvo e de extraordinária importancia. Basta considerar que essa educação incide sôbre os estudantes numa idade em que profunda transfiguração sexual é causa de instabilidade espiritual e intelectual.

O advento da puberdade com todo o seu cortejo de desequilibrio fisico e moral, com tôdas as suas conse-

qüências de ordem psicológica e, muitas vezes, de ordem patológica, sancionam a oportunidade médico-pedagógica de se encarar de frente e tentar resolver-se um tão magno quanto escabroso problema.

Escabroso, repito, porque à sua resolução conveniente se opõem todos os dogmas e preconceitos que o atavismo trouxe até aos nossos dias e, também, porque as sumidades médicas e pedagógicas, que ao assunto têm dado o melhor da sua intelligencia e do seu esforço, não acordaram ainda na melhor fórmula de solucioná-lo.

A civilização actual mantém desde a antiguidade normas em que dominam a hipocrisia e o mistério, incompatíveis com o progresso social e económico dos tempos modernos.

Às mãis pertence, inicialmente, a preparação sexual duma mocidade que, nesse campo, se estiola e se debate nos estertores duma ignorancia malfazeja.

Às mãis pertence—às que tenham a coragem moral de fazer dos seus joelhos os primeiros bancos da escola—às mãis, compete, evitar o desbarato funesto daquelas energias viris que enchem uma alma ao desabrochar a primavera da vida! . . .

Às mãis pertence—àquelas que se convencerem que castidade e ignorancia são duas concepções diferentes e quantas vezes antagonicas—às mãis pertence descerrar

e a questão sexual

uma ponta do véu que à curiosidade infantil encobre as primeiras diferenciações sexuais.

Sem cuidadosos ensinamentos sexuais, ainda que um pouco velados, mas suficientes para saciar a curiosidade dos filhos, não conseguirão evitar que eles aprendam o que desejam e sempre mais do que deveriam, racionalmente, aprender.

Funestos ensinamentos serão esses, resultantes dum misto de fantasia, de imaginação e de absurdas elucidações por parte de condiscipulos e pessoas mal intencionadas, tantas vezes, e sempre ignorantes. É tanto mais funestos, quanto é certo, ser impossível manter o espírito infantil na ignorancia completa de todos os vícios que a sexualidade arrasta.

Estamos caídos num círculo vicioso, a menos que se defenda a hipótese absurda de manter uma criança sempre fechada numa casa e se sujeite a ser a vítima das suas próprias paixões e das paixões dos outros, abutres sempre prontos a cair sôbre a presa que a vida lhes entrega pura, de olhos vendados e sem defesa: por um lado as convenções sociais, os escrúpulos, a fraqueza do professor Pinard—que, apóstolo fervoroso da mesma doutrina que defendemos, se confessava incapaz de ensinar a suas filhas e se regosijava, por ter genros, felizmente médicos, que se tinham encarregado de o fazer—fórmam

um obstáculo, quasi intransponível, a que se faça desde as primeiras idades uma prudente e gradual educação sexual; por outro lado accusam-se os vícios—tantas vezes nefastos a que uma aprendizagem atrabiliária, desconexa, e imperfeitas noções de moral sexual, arrastam a mocidade radiosa e a perdem.

Nesta ordem de idéas devemos concordar que nada até agora se tem feito, tentado sequer, que nos leve à prática duma sábia educação sexual.

A formação duma sã moral sexual tem-nos até hoje parecido impossível, em primeiro lugar por incúria e em segundo lugar porque não saberíamos como exprimir-nos por forma a que a nossa actuação fôsse salutar, habituados como estamos a não falar nesses assuntos senão particularmente, quando entre amigos as coisas sexuais se discutem em termos, a maior parte das vezes, baixos e triviais.

No nosso modesto trabalho sôbre um problema, que, embora reconhecamos difficil—escabroso até—nos suggestiona e empolga, não levaremos tão longe a nossa pretensão que aspiremos a chegar até a um novo conceito da moral humana nas suas relações com a sexualidade, mas tão sómente contribuir para aclarar este assunto, que no campo prático está numa fase, simplesmente, formativa.

e a questão sexual

É nesta ordem de ideas que os quatro Congressos Internacionais para a *Reforma Sexual* procuraram orientar a questão, assentando-a, praticamente, em sólidas bases de sinceridade e bom senso.

A educação sexual moderna deve basear-se na experiencia social tornada eficaz por uma colaboração íntima e por uma combinação de esforços, familiares e médico-pedagógicos.

Na infancia, ela representa um elo da cadeia de conhecimentos ligados com problemas de conduta que hão-de nortear o homem nas outras idades da vida.

É quando tivermos conseguido mudar em novo rumo a corrente actual, quando pudermos modificar as condições sociais que estorvam e empecilham os nossos propósitos educativos, poderemos entoar o cantico da vitória e dizer então com Montaigne: "*poderemos então falar sem vergonha da acção genital: ter-se-á vencido esta falsa castidade, esta vergonhosa hipocrisia que permite pronunciar as palavras violar, cometer um adulterio e nos dete m quando se trata de falar do acto que dá a vida a um ser.*"

Permitimo-nos, sem receio, falar às crianças, de amantes, de escândalos, de mulheres de vida fácil, permite-se que leiam e vejam estampas obscênas e pornográficas, e só não temos palavras que as incitem a defenderem-se dos vícios, dos êrros, da libertinagem...

O mal pior reside na opinião acomodaticia de que as crianças ignoram tudo quanto se refere à sexualidade e não se admite que a curiosidade infantil se sugestione e procure tirar ilações, embora imaginativas e ficticias, de quanto está, diáriamente, sujeita a entrevêr.

Quanto melhor não será falar-lhes de tudo simples, prudente e claramente, para que elas se habituem a compreender a Natureza, para que se lhes não excite a curiosidade adormecida ante o espectáculo das mil acções diárias repetidas e consideradas coisas sem importancia...

Esconder-lhes o que elas adivinham, revelar-lhes o que elas imaginam, proibir-lhes de olhar o que se lhes deixou entrevêr—o *fruto proibido é o mais apetecido*—é extremamente perigoso, chama a atenção e desperta-lhes no espirito uma indiscreta e insaciável curiosidade.

Os povos primitivos, entre os quais não existia o pudôr e cujos costumes eram tão simples como o seu vestuário, não receavam mostrar aquilo com que a Natureza os dotou, porque entre eles tudo era simples e natural...

Neles, a vista e o instinto não despertavam idéas cujo afastamento é a única razão de ser do nosso vestuário.

A moda entre as mulheres—entre o sexo fraco como soi dizer-se—nas transições bruscas das saías compridas para as ultra-curtas, das golas altas e mangas compridas para os decôtes obscenos e a nudez atrevida dos

e a questão sexual

braços, do peito e das costas, não têm contribuído pouco para esta excitação sexual que é apanágio dos moços e tantos transtornos patológicos tem causado.

Tão pouco pretendemos que esta educação sexual se faça repentinamente, como não pretendemos que ela seja igual para todos, moldada em leis rígidas e severas.

O que pretendemos é discutir êste problema no seu aspecto objectivo e científico, livre de paixões e de causas afectivas ou sentimentais, no propósito de estabelecer uma norma de conduta que aproveite sobremaneira à mocidade escolar.

O que pretendemos é que se caminhe afoitamente para uma educação sexual de harmonia com os temperamentos e caracteres de cada um dos educandos, segundo as suas normalidade ou anormalidade, segundo o seu coeficiente de hereditariedade, segundo os seus vícios adquiridos, segundo o meio social em que vivem.

Pelo exemplo, pelo desenvolvimento do sentimento da bondade, do espirito de sacrificio, da temperança, isto é, da sobriedade em tudo, como meio de preservar de excessos; mostrando ao anormal o perigo dos seus vícios, reagindo contra as suas más tendencias, refreando os seus instintos perversos, ensinando-o a emendar-se e a moralizar-se.

O que pretendemos é demonstrar tanto quanto as

nossas forças o permitam, tanto quanto a nossa sinceridade o justifique, que uma educação sexual desde a infância e sábiamente doseada, será altamente salutar para a juventude e benéfica para a humanidade, em geral, poderosamente renovadora e estimulante das sãs energias e imperecível virilidade da nossa raça, em particular, desta raça que deu "*novos mundos ao mundo*," e desta Pátria imortal—e que Pátria...

... a mais formosa e linda que ondas do mar e luz do luar viram ainda.

CAPITULO I

A educação sexual

E' nos primeiros anos da vida, que as crianças, ao tomarem conhecimento dos factos e dos objectos que as rodeiam e despertado o seu espirito pela curiosidade, justificam os primeiros ensinamentos concernentes à educação sexual.

e a questão sexual

Em vez de avolumar o espírito infantil falseando-o com respostas enganadoras ou veladas, que lhe vão desvirtuar o sentido da vida, mais vale aclará-lo com noções exatas, embora vagas e para completar mais tarde, pois estes factos têm uma transcendencia enorme na vida ulterior e, tantas vezes, são responsáveis por graves perturbações físicas, intelectuais e morais. Importa, pois, usar sempre a linguagem da verdade, se quisermos aposar-nos inteiramente da confiança que a criança deposita cegamente naquele com quem simpatiza e que nunca lhe mentiu.

A curiosidade infantil é duma tenacidade e perseverança enormes, e desde o dia em que tiver verificado o primeiro engano, tornará dele responsável quem lho forneceu e não mais acreditará nas suas explicações. Antes nada ensinar do que fazer brotar da sua alma a dúvida sistemática, fruto de mistificações, tantas vezes inúteis e sempre prejudiciais e perigosas. É pois indispensável, a fim de que possamos vantajosamente actuar sobre o seu espírito, nunca mentir a uma criança, mas antes falar-lhe sempre com simplicidade, com franqueza, com sinceridade. É, realmente, às mãis que incumbe iniciar a educação sexual das crianças, mas para isso necessitam uma illustração sexual conveniente.

Ora sucede que a grande maioria não está habili-

tada a fazê-lo naqueles moldes de prudencia e de fino tacto que requerem uma educação sexual proveitosa,

Seria lógico, portanto—a fim de tentar resolver-se esta dificuldade que o problema apresenta—começar por educar nesse sentido as mãis. Com este fim, já se organizaram nalguns países, como a Alemanha, cursos de aprendizagem para as mãis, os quais têm resultado proveitosos, de grande utilidade. Seria de louvar que, no nosso País, se tentassem iniciativas dêste género, tanto mais que a experiencia está feita e os resultados são animadores.

Consideramos portanto o meio familiar como o mais proprio à iniciação sexual,

Insensivelmente e aproveitando as oportunidades, os casos que ocorrem no momento, as mãis devem explicar aos seus filhos que as plantas crescem, dão frutos e grãos e que renascem das suas sementes. A origem da vida será parcialmente desvendada—e com essas explicações a curiosidade da criança se satisfará—apontando-lhes o que succede com os animais domésticos, que dos ovos nascerão pintaínhos, que da barriga distendida e volumosa da gata ou da cadela, nascerão os gatinhos ou os cãesinhos com que o menino há-de depois brincar: ou ainda, como ensina Renault, comparando o corpo humano a uma casa com variados compartimentos num dos quais as crianças nascem, criam-se e desenvolvem-se como as sementes

e a questão sexual

na terra, até serem suficientemente fortes para poderem aparecer no mundo.

O problema dos sexos poderá solucionar-se ante uma criança, fazendo-lhe vêr que também na espécie humana e para a sua conservação, como no mundo animal, há machos e fêmeas e que a Natureza os diferenciou para poderem reconhecer-se.

Todavía, a educação fundamental da criança, no que respeita à sexualidade, deve ser dada pelo professor, mentor da sua educação total. E, como para as mãis, exige-se que o professor tenha a preparação que convêm à subtileza do assunto, à prudencia e graduação que ele requiere e saiba colaborar com a familia, por fôrma a poder adoptar os seus ensinamentos ao desenvolvimento mental daqueles que pretende educar. E assim é que, o mesmo espirito que presidiu à organização de cursos de aprendizagem para as mãis, fundou, há alguns anos, cursos especiais para a educação sexual dos professores, alguns dos quais funcionam desde 1928, como o Instituto de Sexologia, que existe em Berlim. Nesses cursos os professores aprendem a técnica de ensinar e a fôrma prática e proveitosa de dar explicações sobre a vida sexual áqueles cuja educação se lhes confia.

Temos, pois, que a verdadeira ilustração sexual das crianças, a sua ilustração biológica, começa pouco antes

da puberdade e só a escola normalmente a pode fazer por intermédio do mestre, à medida que se lhes forem ministrando noções concretas sobre a vida que as rodeia, e à medida que a sua intelligencia e o seu espirito dedutivo se forem desenvolvendo e aclarando.

Os ensinamentos sexuais, na escola, deverão ser dados à maneira comparativa e na generalidade, e o professor saberá reservar ulteriores expilcações a cada aluno de per si, segundo o desenvolvimento intelectual de cada um e proporcionalmente ao seu espirito em formação. Nesta ordem de idéas, o professor ensinará às crianças as fases do seu desenvolvimento, esforçar-se-á porque elas aprendam e cultivem hábitos de higiene corpórea, acautelá-las-à contra os êrros dos seus sentidos e contra as más tendencias, ensinar-lhes-à a profilaxia adequada contra o perigo da libertinagem e dos prazeres viciosos.

Falar-lhes-à sobre os processos reprodutores dos animais e das plantas, para sobre êles bordar um estudo comparativo com os processos reprodutores do homem, fazendo sobresaír a sua nobre finalidade. E assim, insensivelmente, começando por tirar ilações sobre o estudo da fisiologia vegetal e da fisiologia animal chegaremos, mais tarde e sem transições, ao estudo da fisiologia humana e ao ensinamento da higiene sexual.

Entramos precisamente no assunto capital dèste nos-

e a questão sexual

so trabalho, pois sômos daqueles que insistem em que essa última fase da educação sexual seja confiada a um individuo mais especializado—ao médico escolar. Só ele terá competencia para completar a educação sexual da juventude e da adolescencia, para falar sobre a puberdade, sobre as doenças venéreas, sobre higiene sexual e corporal.

Bem sabemos que os inimigos da educação sexual preferem manter o espirito dos adolescentes em completa ignorancia, fundamentados em que, abordando-a nesta fase da vida, vamos excitar a sua curiosidade.

Esquecem-se de que laboram num erro tremendo porquanto, como já dissemos, as mil e tantas fases da vida quotidiana, os livros de estudo, nomeadamente de história antiga e mitológica, a zoologia e a botânica patetam-lhes, claramente, assuntos desta natureza, que intrigam e conduzem ás leituras prejudiciais, absurdas e, quasi sempre, falhas duma sã moral...

Pelo contrário, a educação sexual progressiva não conduz—como á primeira vista poderia supôr-se—à conversação pornográfica, nem à prática de actos condenáveis; a maior parte das vezes é por ignorancia das suas consequencias perniciosas que os jovens, inconscientemente, os executam.

Vale mais explicar os factos com clareza, sem su-

bterfugios, que abandonar a juventude inexperiente aos estrágos e aos efeitos duma ignorancia prejudicial, não só ao individuo, mas tambem à familia e à sociedade, em geral.

Tocámos, propositadamente, ao de léve no problema que nos interessa, na parte que diz respeito á educação sexual das primeiras idades. Mães e professores, devidamente instruidos a esse respeito, serão os iniciadores, aqueles a quem incumbe o desbravar do terreno, o primeiro desbaste na floresta inculta onde começam a incidir agora os primeiros raios do sol.

O ensino e sobretudo a profilaxia da sexualidade pertence ulteriormente, e sem contestação, ao medico escolar. Não queremos significar, é evidente, que o medico escolar possa prescindir da colaboração pedagogica; mas acentuar que, estruturalmente, sobressairá a actuação do médico escolar, tornada compreensivel demonstrativamente pelas lições pedagogicas em zoologia e botanica, dos processos reproductores dos animais e das plantas. Não pode exigir-se que o medico escolar, por maior que seja a sua bôa vontade, desça a pormenores que a criança, agora adolescente não poderia aprender e muito menos compreender. Não pode exigir-se a quem esses ensinamentos sexuais se dirigem, que no seu espirito se arreiguem convicções e normas de conduta, quando a esse mesmo espirito

e a questão sexual

em plena fase formativa, se reconhece a insuficiência de avaliar os perigos que lhe apontam e os benefícios a que o exortam. Não podemos nunca anteceder as normas evolutivas que á propria natureza vão buscar a sua proporcionalidade, e muito menos exigir noções exactas em desarmonia com a lenta evolução da intelligencia humana.

O que não póde é negar-se que a educação sexual da juventude, na idade em que essa juventude costuma freqüentar os cursos secundários e técnicos, impõe ao educador conhecimentos especializados e profundos e um recolhimento, ou melhor, uma concentração espiritual de harmonia com o assunto que à sua especialização diz respeito. Tanto é certo que a educação sexual dos dez aos dezoito anos, para fazer-se, necessita da compreensão profunda de assuntos de maior transcendência e sempre duma complexidade diferente daquela que se refere à gramatica, à quimica, ao latim e à matematica.

Tanto é certo que a essa mesma educação sexual dizem respeito problemas como a Puberdade, a Hereditariiedade, as Doenças Venérias, a Moral Sexual na Higiene Social, etc. donde há que tirar conclusões e ensinamentos aproveitáveis, tanto no campo didático, como no campo moral e profilático.

Prevenir, de preferéncia a curar: e para prevenir, a experiencia, só, não basta; é necessario conhecer-se profis-

sionalmente e em toda a sua extensão os males, com toda a sua sequencia de prejuizos e de horrôres.

Ora na puberdade têmos de considerar ensinamentos concernentes aos dois sexos: às meninas, falar-lhe-êmos, especialmente, sobre a existencia, finalidade e modificações derivadas do periodo menstrual; aos rapazes, sobre os órgãos sexuais, o perigo das doenças adquiridas neste periodo da vida, e os cuidados higienicos indispensáveis ao bom funcionamento orgânico.

A puberdade acompanha-se de modificações físicas e até morais que não devemos passar, ainda que superficialmente, como não podia deixar de ser num trabalho desta natureza, sem fixar sobre elas a nossa atenção.

O aparecimento da menstruação, quási sempre, vem acompanhado duma sintomatologia que as meninas não deverão ignorar, pois sendo apanhadas de surpresa, pôdem sofrer um abalo nervôso devêras prejudicial. E' assim que as dôres de cabeça, frequêntes entre os doze e quinze anos, um certo nervosismo, mal estar, insonias, olheiras profundas, epistaxis, zumbidos nos ouvidos, alegria exagerada, indicam o aparecimento próximo do periodo menstrual.

Aparece-nos, assim, como um fenómeno psicologico normal e prevenidas as meninas da mudança que vai sofrer o seu organismo, não ficarão apreensivas e

e a questão sexual

cheias de pudôr, como aquella jovem que, desconhecendo o que as regras representavam, fugiu dois dias de casa de seus pais, envergonhada, julgando ter praticado alguma má acção que a poderia ter levado às maiores imprevidencias.

E era bem simples, bem natural, informá-la, anteriormente, em que consistia a menstruação e quais os cuidados que devia adotar, a quando do seu aparecimento, todos os meses, e que esta regularidade era até sinal de bôa saúde.

E' necessario, portanto, conhecer-se o processo puberal com todas as suas manifestações psíquicas e fisiologicas, em toda a vastidão das suas consequencias, e nas minucias dos seus fenómenos endocrinologicos, para se poder eficazmente actuar sobre o individuo no qual a fase da puberdade vai imprimir as suas maiores modificações vitais.

E assim, a mudança da voz, o aparecimento da barba, as alterações genitais, o crescimento dos seios e as primeiras regras na mulher, acompanham-se de alterações psíquicas que se traduzem por irrequietabilidade, por sentimentalismos e propensões para aventuras e fantasias, tendencias de reacção contra a sociedade, contra os preconceitos e até contra os pais, impulsos eróticos, etc. Estes últimos são já perturbações que dependem do que se con-

vencionou chamar a «necessidade sexual da juventude» e resultam, principalmente, da falta de uma educação sexual conveniente. Na sua sublimação, este erotismo atinge por vezes formas fantasistas, derivações que só no adulto adquirem toda a sua plenitude de justificação, quando se estabelece a harmonia da vida sexual e o sentimento da realidade da vida adquire consciencia e nitidez. Tais são a sistemática repulsa pela realidade da vida, por meio da emigração e da religião, refugiando-se na enfermidade, no desporto, no amor romantico, ou no estudo. Na sua forma mais banal o erotismo traduz-se pela masturbação cujo abuso condüz ao nervosismo, à neurastenia sexual, ao depauperamento e à impotencia.

Alguns autores consideram esta auto-satisfação erótica como um fenómeno frequente e até mesmo normal nos adolescentes e susceptível de se extinguir por si mesmo quando a maturação sexual tiver chegado ao seu completo desenvolvimento; e, excepcionalmente, perdura nalguns individuos portadores de taras, de anomalias psiquicas hereditarias ou adquiridas. E, conseqüentemente, preconizam conceder-se pouca importancia a essa auto-satisfacão do instinto sexual, e propõem que se faça, para a reprimir, psicoterapia em vez de castigos e ameaças, auto-sugestão acompanhada por exercicios fisicos, desportos, hidroterapia, musica, etc.

e a questão sexual

Porém, nós, que partilhamos a opinião da maioria, consideramos a masturbação como constituindo um dos vícios mais perniciosos da mocidade; detendo o desenvolvimento físico, atrofiando o desenvolvimento psíquico e contribuindo assim, poderosamente, para o definhamento da raça.

E' um dos grandes males de que enferma a sociedade moderna cujas funestas consequencias devem chamar a atenção não só dos médicos, mas também de pedagogos e sociólogos. Deve, pois, reprimir-se por todos os meios ao nosso alcance, acentuando bem perante os jovens os perigos e desastrosos resultados a que os expõe a sua prática.

Ensinando a juventude a evitar as doenças e a compreender a responsabilidade tremenda que toma para consigo e para com a sociedade em adquiri-las, não só beneficiamos o individuo fazendo profilaxia directa, como também impediremos as gerações futuras de pagar o pesado tributo que as leis da hereditariedade lhes vão transmitir.

Todo o sêr vivo tende a transmitir aos descendentes as suas propriedades físicas, intellectuais e morais.

A saúde, a robustez, a resistencia, a agilidade, são factores importantes que influem poderosamente sobre os descendentes; o instinto, a vocação e tantos outros caracte-

res influenciam beneficemente as gerações futuras tanto quanto as fraquezas, as pusilanimidades, a indolencia e muitas doenças as degeneram e deprimem, gravando-lhes tantas vezes, duma maneira indelevel, sinais de sofrimento cuja responsabilidade de aquisição lhes não cabe.

E' proprio das leis que regem a humanidade, inevitaveis e seguras: se as bôas qualidades se transmitem, factos averiguados com certas familias de musicos, de pintores, de médicos, de poetas, de oradores, etc., infelizmente tambem as más qualidades ou taras e doenças como a hemofilia, o alcoolismo, a sífilis, a tuberculose, que constituem autenticas doenças sociais, se transmitirão de geração em geração segundo um fatalismo impressionante, umas integralmente e outras indirectamente por meio de predisposições que estudaremos a seguir.

E já que falámos em males sociais, verdadeiros flagelos da humanidade, vamos bordar sobre eles algumas considerações de ordem clinica, para se poder avaliar até que ponto a sua infalivel influencia hereditária é responsável pela atrofia, pela decrepitude e pela visivel degenerescencia da raça humana.

A tuberculose, doença mortifera como nenhuma outra, atacando de preferencia a mocidade, quási só triumpho e se desenvolve nos individuos dotados de organismo fraco—digo quási, pois fazemos excepção às invasões massi-

e a questão sexual

ças e repetidas de bacilos que podem também contagiar os fortes.

A tuberculose é uma doença contagiosa, e se é certo que ela não pode existir sem bacilos de Koch, não menos certo é também que o bacilo, só por si, não basta para tuberculizar, sendo necessarias circumstancias especiais, causas predisponentes para poder triunfar.

Mas este assunto torna-se mais interessante se accentuármos que poucos adultos não são ou não foram tuberculosos, sabido que a doença destes não é mais que o acordar duma tuberculose adquirida na vida infantil. Por mais inverosimil que pareça, é certo que poucos adolescentes escapam à infecção tuberculosa, facto comprehensivel, aliás pelo grau de extrema difusibilidade do bacilo de Koch. São as poeiras liquidas, principalmente, mas também as solidas que, levando os microbios juntamente com o ar que respiramos, os localizam em determinados pontos do organismo, que assim infectado reage estabelecendo-se luta entre este e o agente infectante sendo os microbios retidos nos ganglios—nomeadamente nos traqueo-bronquicos—onde permanecem em vida latente e sem causar accidentes desde que o seu número seja pequeno e a resistencia do individuo não diminua.

Chama-se a este phenomeno a primo-infecção que, na primeira infancia é de temer, determinando tuberculosos

de evolução rápida pela pouca resistencia da criança e na segunda e terceira infancias—organismos mais resistentes--passam tantas vezes despercebidos.

E' por isso que se deve evitar o contágio em doses massiças e repetidas, que tantas vezes mata em um espaço de tempo relativamente curto.

Quando, outrosim, o contágio é lento e gradual, criam-se no organismo defezas chamadas *anti-corpos* em opposição ao agente infectante, o *antigenio*, dando ao adolescente um certo gráu de imunidade, de resistencia *vis-à-vis* do bacilo, que lhe é até benéfica, pois se mais tarde se der a sobre-infecção, o seu organismo está mais apto a defender-se do que se fosse isento de virus tuberculoso.

E' mesmo por esta razão que os habitantes das nossas aldeias, organismos indemnes de virus, na sua maior parte, emigrando para as cidades—meios profundamente infectados—tuberculizam-se fácilmente, adquirindo, ordinariamente, tnberculoses de evolução rápida.

Mas se o agente da tuberculose é o bacilo de Koch—a semente é pouco ou nada—o terreno em que ele se desenvolve é tudo.

E esse terreno, de geração em geração, cada vez mais depauperado, vão as leis da hereditariedade transmiti-lo aos descendentes, criando organismos predispostos

e a questão sexual

para a infecção tuberculosa sempre profundamente desfalcados de resistência e de saúde.

Eduquemos, ensinemos a mocidade a robustecer-se, espalhem-se e divulguem-se sãos princípios de higiene e profilaxia, sabido que evitar as doenças, evitar o contagio, é o melhor meio de luta contra aquelas para as quais não temos tratamento específico.

Devemos, pois, orientar os nossos esforços no sentido de aumentar a resistência orgânica do individuo, de combater o enfraquecimento das suas forças, todas as causas susceptíveis de predispôr, de acordar, de favorecer o aparecimento da doença.

Como a tuberculose, o alcoolismo não se transmite por herança aos descendentes a não ser até onde chega a verdade do proverbio que afirma: «filho de peixe sabe nadar».

Mas o que é inegável é que o alcoolismo constitui tambem um dos maiores males de que a sociedade se resente.

Eu que, por patriotismo sou pelo vinho, sou contra o alcool.

Interessa-me, principalmente, além da intoxicação aguda com o seu cortejo sistematico e caracteristico, podendo conduzir à morte, e intoxicação crónica pelo uso quotidiano e prolongado do alcool, em que o organismo

se altera pouco a pouco até apresentar perturbações duma extrema gravidade.

O alcool, a principio, é excitante do cérebro, dá euforia, prazer, bem estar e esta hiperexcitabilidade cerebral é considerada por alguns—puro engano—como dando forças, aumentando a energia. . .

Mas, à fase de excitação que é fugaz, succede a de depressão que é duradoira, com o seu cortejo de perturbações conhecidas, falta de appetite, más digestões, sêde, muita sêde—o alcoolico bebe demasiadamente e come pouco—insónias e outras perturbações nervosas.

O alcool desidrata e paralisa a actividade celular, modifica os tecidos, atrofia as glandulas, diminue a capacidade de certos órgãos, como o estomago, que assim se torna incapaz de apeteecer e digerir os alimentos, altera-lhe a mucosa, razão pela qual os alcoolicos são a maior parte das vezes dispepticos.

E' que a ingestão do alcool em doses tais que os seus produtos de combustão não têm tempo de se eliminar por a pele, rins, intestinos e pulmões, acumula-se no figado e no cerebro, determinando alterações profundas no tecido hepatico e perturbações mentais de toda a ordem, desde a cirrose ao delirio tremens, à arterio-esclerose, à idiotia e à loucura.

Assim o alcoolico inveterado, além de constituir um

e a questão sexual

perigo social pela sua conduta, pelo desregramento de palavras e actos ofensivos e imorais que pode praticar inconscientemente, é um responsável quando dá origem a individuos enfraquecidos, imbecis, tarados ou criminosos. Porque o alcoolismo é, sem contestação, um dos vicios que mais profundamente desvirtuam a nobre elevação da existencia humana, talhando miserias para o futuro dos que o possuem e desgraças para os descendentes,

O alcoolico bem merece o desprezo da sociedade, não tanto pelas acções que pratica e que estão sob a repressão penal, como pelos estigmas horriveis a que dá origem, como se a natureza, pelas leis da hereditariedade, quisesse mostrar-lhe, em seres inocentes e inculpaveis, o quanto é monstruoso e horrivel o seu vicio.

No grupo das doenças sociais ocupa um lugar de incontestável relêvo, ao lado da tuberculose e do alcoolismo, a sífilis.

Ela constitui um dos males maiores de que a hereditariedade se apossa para fazer pagar aos vindouros as culpas que cabem aos seus progenitores.

A sífilis adquire-se e transmite-se.

Adquire-se por contagio, determinando na maioria dos casos uma lesão local, no ponto onde se deu a inoculação, a que se chama cancro duro, e que persiste durante cerca de 45 dias. É o primeiro periodo da sífilis

adquirida. Posteriormente, esta moléstia causa uma série de perturbações que interessam a pele, as mucosas e as víceras, ocasionando perturbações da saúde geral, acompanhadas muitas vezes de febre, anemia, astenia, anorexia, vômitos, dôres de cabeça, etc. No terceiro periodo enfim, provoca lesões que alteram profundamente os tecidos, nomeadamente o sistema ósseo e o sistema nervoso, com o aparecimento das chamadas gomas que tantas vezes se ulceram e são a causa de accidentes gravissimos. Os ossos alteram-se, deformam-se e muitas vezes até se fracturam expontaneamente, e quanto ao sistema nervoso a sifilis aparece-nos como a causa mais freqüente de perturbações dentre as quais sobresaem a paralisia geral e a tabes. Mas não se limita até aqui o campo da sua acção malfazeja. A sifilis ataca todos os órgãos, manifesta-se nos musculos, nas articulações, nos pulmões e em todas as demais vísceras, criando muitas vezes um terreno favorável ao desenvolvimento doutras doenças como a tuberculose, sendo reputada, quási sempre, esta associação de extrema gravidade.

No campo da hereditariedade, como doença social que é, a sifilis determina estragos, tantas vezes irremediáveis, traduzidos em manifestações mórbidas de toda a ordem. Nos dentes de Hutchinson ella estigmatiza a sua acção nefasta; em abortar a sua senha feroz de destruição da

e a questão sexual

humanidade e nos sintomas e lesões mórbidas de um heredo-sifilitico, o seu aviso aos pais para que se coíbam, se moralizem e se tratem.

A sífilis pode ser, sem contestação, apontada como a doença que causa maior mortalidade na vida intra-uterina e infantil.

Além do abôrto, sobrevivendo as mais das vezes no segundo e terceiro menses, devemos também mencionar os partos prematuros, quasi sempre condicionadas pela sífilis, adquirida ou hereditaria.

Mesmo que a gravidez vá a termo e a criança nasce aparentemente robusta, não tarda a apresentar muitas vezes os sintomas do terrivel flagelo, desde as lesões da pele até aos dentes de Hutchinson.

Doença social, espalhando-se e desenvolvendo-se com o progresso e a civilização, podemos dizer que poucas pessoas escapam à acção nefasta das suas manifestações, de tal maneira que pode causar a destruição da familia pela morte dos filhos que dela saírem, talvez por uma lei inexorável mas previdente, que parece entrevêr o fim que lhes estava destinado...

E já agora não queremos encerrar estas considerações clinicas sôbre os males de que mais enferma a juventude sem nos referirmos à blenorragia e ao cancro mole, como molestias que a mocidade está sujeita a adqui-



rir em virtude do desregramento da sua conduta e da perdulária e incauta satisfação dos seus desejos sexuais.

Ambos têm uma influência enorme sobre a sua saúde, consumindo-lhe energias, desbaratando-lhe resistências, arruinando-lhe física e moralmente a vida.

É necessário precaver os jovens contra elas, por meio duma sã educação sexual, preventiva e salutar, que exorte à abstinencia e reprima o vicio da prostituição onde a existencia se degrada e avilta, onde o carácter se entorpece e a alma se enlameia.

Devemos convencer os jovens a resistir às sugestões daqueles que sancionam e desculpam tais vicios com a imbecil e insinuante justificação aliciadora de que convêm deixar pagar o tributo à mocidade, sem o qual não pode existir uma velhice tranqüila e feliz.

Esse tributo, porém, não se paga destruindo a vida e emporcalhando o espirito, mas sim cultivando os bons sentimentos, exercendo utilmente as energias proprias dessa fase da vida, assegurando a bôa conservação das qualidades físicas e morais como sagrada herança para os vindouros, elevando a alma e a consciencia até às sublimes radiações do belo, do que é útil e bom para si e para os outros.

Esse tributo paga-se, cuidando de nortear a vida por meio de principios de honestidade e de bom senso, e

e a questão sexual

nunca adquirindo maus costumes, vícios, hábitos depravados e anti-sociais.

Esse tributo paga-se aproveitando as pujantes energias que são apanágio da mocidade, para burilar a vontade, para construir um sólido carácter, para orientar e desenvolver a intelligencia, para robustecer-se fisicamente, numa insatisfeita necessidade de melhorar-se e de contribuir assim para maior glória da raça a que pertencemos.

As doenças venéreas exercem entre a mocidade estragos de tal ordem que não podemos, não devemos pois passá-los em silencio.

Convém, até, que os jovens saibam ao que se expõem para assim estarem prevenidos, não só no que respeita ao cuidado que devem ter consigo, mas também para não contaminarem o seu semelhante.

E' a blenorragia, de todas as doenças venéreas a mais espalhada e a mais desprezada, determinando nos dois sexos, tantas vezes, complicações de extrema gravidade.

Não se trata de uma doença local, mas sim de uma infecção devida ao gonococcus de Neisser apresentando, ordinariamente, complicações como a orquite, a cistite, e o reumatismo blenorrágico, que deixam traços indeléveis, prejudiciais até para toda a vida. O pús, contendo os microbios levado ao contacto dos olhos, pode determinar a con-

juntivite blenorragica e a oftalmia purulenta que podem conduzir à cegueira. E' o que acontece a muitos recém-nascidos cujas mãis foram atingidas de blenorragia.

O cancro mole, tambem freqüente na mocidade, afecção contagiosa e inoculável, consiste numa chaga que tem por séde o ponto da inoculação e complica-se de adenite inguinal—*bubão*—que pode supurar e que sempre leva ao leito, por alguns mēses até, deixando vestigios indeléveis.

E, concomitantemente, com estes males que estudamos, é preciso combater ainda a libertinagem como um dos maiores flagelos morais e sociais da humanidade, pela ruína que prepára, porque ela destrói a vontade, o respeito por si mesmo, esgota as fôrças físicas, arruína a saúde, predispondo para todas as doenças resultantes do desgaste do organismo.

Ainda a higiene corporal nos prestará então um inestimável auxilio na luta contra a libertinagem, sinónimo de vício adquirido tantas vezes pelas práticas funestas e perigosas que se adquirem coçando e arranhando zonas de inflamação e de eczema, que se originam e medram, mercê de uma higiene pouco esrupulosa e descuidada.

Lançaremos mão da higiene física, do aceio e da limpeza, dos exercicios fisicos que aumentam a resistencia do corpo e o vigor moral, dos jogos que constituem uma

e a questão sexual

escola de vontade, de iniciativa e de solidariedade, até fatigar o corpo e, assim, evitar o sugerir das más ideias.

Todavia, a melhor arma que possuímos para combater a libertinagem é ainda a higiene moral, pelo desenvolvimento das noções do bem, da reflexão, do dever, do dominio de nós mesmos, da responsabilidade, da dignidade e da honra.

Evitemos as emoções vivas que exageram a sensibilidade e excitam os sentidos; evitemos as discussões, as narrações aterrorizadoras; evitemos as conversações demasiado livres e vigiemos a escolha das relações e das companhias.

Não só para evitar a libertinagem, mas também ainda para se caminhar na vida com o sentido nítido duma consciente honestidade moral, a luta contra a corrupção impõe-se em todos os momentos. E essa corrupção é tanto mais poderosa e nefasta quanto é certo que ela influencia, de preferencia, as idades em que aparece o apetite sexual resultante da natural evolução do individuo.

Ora, convençamos os jovens de que este apetite, por mais tentador e irresistível que pareça, não corresponde a uma necessidade imperiosa, pois que se liga à satisfação dum prazer que constitui a isca para novas práticas condenáveis.

É pois uma necessidade submetida à nossa vontade e de que podemos facilmente abster-nos, mercê de um pequeno esforço que torna mais saborosa a vitória.

Há necessidade, sim, mas é de lutar contra os prazeres sexuais que arrastam os jovens à prática e ao abuso da satisfação dos seus desmedidos apetites.

Ora o debochado e o libertino com intelligencia embotada, obscurecida e a memória enlanguescida, vêem todas as coisas pelo prisma da lubricidade e tornam-se muitas vezes incapazes de coordenar frases decentes, pensamentos puros, acções honestas.

De trabalhadores que eram, voluntariosos e sensatos, tornam-se apáticos, preguiçosos, boçais, indolentes e estúpidos.

«E esta coisa que é o reflexo do esplendor da vida moral no homem—diz Barbier—aquilo que anuncia a virilidade e revela uma personalidade forte—o carácter—diminui, apaga-se e desaparece. A medida que a vida moral se anula, neste rapaz, o carácter apaga-se pouco a pouco, a magestade do homem cái da sua fronte desonrada e em lugar desta auréola, aparece o que o Apocalypse chama o carácter da bête.»

E assim surge o jovem, moral e intelectualmente arruinado, após ter causado a sua ruína física.

A libertinagem arrasta ao convívio e utilização abusiva de mulheres prostituídas numa idade em que o or-

e a questão sexual

ganismo em plena fase evolutiva e formativa não tem energias para desbaratar porque tem concentradas todas as suas forças numa empreitada mais nobre e mais elevada.

Assim o desperdício de essas energias em virtude de continuadas fadigas e excitações, conduz ao exgotamento, à miséria fisiológica, às doenças mentais e nervosas, às nevroses diversas e à neurastenia, cuja frequência nos nossos dias é aterrorizadora.

Esta é menos resultante da surmenage, das asperezas da luta pela vida do que dos abusos dos prazeres sexuais, imoderados e prematuros, a que as tentações e a vertigem dos sentidos arrastam a alma mais bem temperada, depois de lhe ter vencido todas as forças de defesa.

Abordámos o problema sexual no seu aspecto médico, higienico e social, e chegámos ao ponto do nosso trabalho em que temos que traçar umas considerações de ordem educativa e filosófica, fundados na necessidade de criar um sistema ou corpo de doutrinas modernas sobre este assunto nas suas relações com a Moral.

Esta nossa opinião fundamenta-se em que só por uma ilustração sexual, fracional e inteligentemente conduzida, será possível destruir a tradicional moral sexual que tão nefasta tem sido para a humanidade em geral.

O problema, tratado assim, interessa a filosofia, a

psicologia, a sociologia e tende a modificar as consciências, a transformar os caracteres no sentido de criar uma nova moral sexual de acôrdo com as ciencias naturais.

A nova doutrina considera a sinceridade como bási-se fundamental—pedra de toque—da sua ideologia concedendo ao individuo a máxima liberdade, condicionada pela máxima responsabilidade em todas as manifestações de ordem sexual.

A educação sexual moderna deve tender para um perfeito equilibrio entre as forças espirituais e físicas, no sentido do dominio consciente do instintô sexual.

Conclusões

Escolhemos para motivo da nossa tése de concurso, precisamente um dos problemas mais importantes e também mais descuidados da nossa educação,

Sabiamos quantos escolhos iríamos encontrar ao tratarmos de assunto tão grave e melindroso que vem preocupando, desde alguns anos, os sociologos, os médicos e os pedagogos mais eminentes, que pretendem salvar a mocidade dos males sem conta, fisicos e morais, que os progressos da civilização, em vez de refræar, exacerbaram.

A ignorância de uns, a indiferença de outros, aliadas a preconceitos que uma tradição milenária nos impõe, contribuem grandemente para manter a mocidade num grau de ignorancia que podemos classificar de criminosa.

Em vez de excitar a curiosidade juvenil com uma abstenção educativa do problema sexual, achamos mais

racional instruir a mocidade no sentido de se precaver contra os males irremediáveis a que o seu desconhecimento tantas vezes a arrasta.

E' sempre bom repetir-se que devemos partir do principio de que os jovens sempre aprenderão o que pretendem saber, quanto mais o quisermos ocultar. E é lícito supôr o que serão esses ensinamentos fornecidos por imaginações sobre-excitadas e precocemente viciosas, que vão adulterar-lhes o espirito, enchendo-o de noções falsas e erróneas. Quanto melhor não será ensinar-lhes gradual e cientificamente o que diz respeito à sexualidade, por forma a nortear-lhes a sua conduta na vida, por forma a instrui-los antes de aguardar o seu descalabro para lhes dizermos então o que nunca deveriam ter feito ! . . .

O mutismo e a indiferença a que se tem criminosamente votado a educação sexual da juventude, conduz ainda aos perigos do casamento entre rapazes e raparigas que desconhecem a forma de se defenderem do mal e que são incapazes de procurar racional, competente e eficazmente, os meios de conseguirem a ambicionada, e ávidamente desejada felicidade.

Todos em unisono, pedagogos e médicos, aqueles pelo menos que com devoção encararem o problema e dedicarem todos os seus esforços no sentido de melhorar

e a questão sexual

a humanidade e de robustecer a raça, todos aqueles que se tiverem apercebido da grandeza dos seus ideais e da nobreza da sua missão, deverão congregiar todas as forças da sua intelligencia e toda a tenacidade da sua vontade para o fim de moralizar os nossos escolares, levando-lhes a saúde por meio de uma benéfica educação sexual.

Devemos antecipadamente aperceber-nos de que, o que basta ensinar às crianças enquanto a idade justifica uma vigilancia contínua, não é sufficiente para aqueles que têm de abandonar o lar paterno e familiar, e expôr-se às conseqüencias dos seus actos.

Esforçar-nos-êmos porque as crianças compreendam o instinto sexual e os perigos que dele dimanam para que elas se habituem a olhar o problema sexual com seriedade e sem idéas preconcebidas e malévolas.

Aos rapazes teremos que incitá-los a uma conduta nobre e elevada, para que se habituem a defender-se de tudo quanto possa perturbar e desnortear a bôa direcção da sua consciencia, a serem dignos e honestos, respeitadores de si mesmos e do seu semelhante, ao culto pela responsabilidade que têm da sua própria vida, à conservação integral das suas energias físicas e morais, como constituindo a mais sublime herança das gerações futuras. Devemos falar-lhes dos perigos e doenças inerentes ao exercicio das funcções sexuais, incitá-los à abstinencia co-

mo meio seguro de transmitir aos seus descendentes legítimos, a pureza da sua alma e a clarividencia do seu espirito.

Desta forma os poremos em guarda contra as atitudes dúbias, contra as fraquezas de momento, contra os géstos que podem constituir o inicio da sua perdição e da sua ruína.

A's raparigas devemos elucidá-las sôbre a puberdade, sôbre o aparecimento e significação das perdas brancas que anunciam o advento das regras, e aconselhá-las então a diminuir o seu trabalho, a preservarem-se de toda a fadiga, a cuidarem da sua alimentação. Devemos inculcá-lhes a grandeza e a nobreza do amor, salientando a auréola de pureza e de respeito que cerca a maternidade.

Far-lhes-êmos compreender os perigos que elas correm e o seu futuro papel de mãis e podendo até descer a minucias, ácerca do casamento em face da felicidade que procuram; a que deve obedecer a escolha de um bom marido, falar-lhes-êmos da educação que devem dar aos seus filhos.

E' do dominio geral que a educação sexual da Juventude Portuguesa é nula.

O desprezo inconsciente a que essa preparação é votada, não só pelos pais como tambem pelo Estado, pode

e a questão sexual

apelidar-se de criminoso, pois contribui poderosamente para o enfraquecimento das suas fôrças físicas e das suas faculdades intelectuais e mórals, tornando assim o terreno mais favoravel ao desenvolvimento das chamadas doenças sociais.

Preconizamos a ilustração sexual da mocidade para que, influindo sobre o meio ambiente do seu tempo, procure, de uma vez para sempre, romper com a moral tradicional cheia de obscurantismo e adopte novos conceitos naturalistas, higienicos e filosóficos.

Tanto a instrução sexual no seu aspecto ideológico, como a educação sexual no que respeita à profilaxia das chamadas doenças sociais, encontram no médico um auxiliar valioso, capaz de orientar em rumo novo a mocidade, neste capital problema de valorisação do indivíduo e da sociedade.

Incumbe, pois, por dever de officio, e por direito legitimo, ao médico escolar, desbravar o terreno inculto e próprio para a sementeira de todos os vícios e de todas as aberrações que aviltam a alma, depauperam a raça, deprimem o carácter e desvirtuam a nobre finalidade da vida humana ! . . .





RÓ
MU
LO



1329666287

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

